

**PEDAGOGIAS EM
MOVIMENTO: a metodologia
participativa do Centro de
Cultura Negra Negro Cosme
(CCN-NC) como forma de
educar para a resistência na
cidade de Imperatriz - MA**

**MOVING PEDAGOGIES: the
participatory methodology of
the Centro de Cultura Negra
Negro Cosme (CCN -NC) as a
way to educate for resistance
in the city of Imperatriz - MA**

*Giselia Alves dos Santos**



Imperatriz (MA), v. 5, n. 9, p. 54-67, jan./jun. 2023
ISSN 2675-0805

Recebido em: 10 de janeiro de 2023

Aprovado em: 01 de abril de 2024

RESUMO

Com a modernidade e o mito de uma democracia racial, criou-se uma falsa harmonia entre os povos, o que culminou no racismo estrutural e excludente, e os movimentos sociais negros tiveram um papel fundamental no processo de construção de conhecimento, de forma coletiva e organizada no Brasil. Assim, para a construção deste trabalho, partimos da proposta de uma pedagogia decolonial, a qual visa, justamente, a esse grupo excluído, heterogêneo e local: o movimento negro na cidade de Imperatriz, estado brasileiro do Maranhão (MA), com o seguinte questionamento: qual a metodologia utilizada pelo Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC) para dar visibilidade ao povo negro e afrodescendente no processo de luta e resistência na cidade de Imperatriz-MA? Este trabalho buscou dialogar com autores preocupados com essa temática de movimento social negro e educação, tais como: Gohn (2011), Arroyo (2012), hooks (2019), Walsh (2013), entre outros, como suporte teórico. Com pesquisa descritiva e análise qualitativa, este estudo buscou identificar os atores sociais envolvidos no processo de mediação, descrever suas práticas metodológicas, inter-relacionando a perspectiva micro e macro do movimento. Com isso, este trabalho apontou para urgência em se falar de uma temática antiga e, ao mesmo tempo, tão atual: o preconceito e a discriminação do povo negro; assim como o processo de politização e a autoafirmação da identidade negra constituindo a metodologia participativa como essencial, trazendo a possibilidade de se pensar o decolonial a partir das ações práticas do CCN-NC.

Palavras-chave: Movimento social. Negro. Educação não formal. Decolonial. Metodologia participativa.

* Mestra em Ciências da Educação pela Universidad de la Integracion de las Americas, Paraguai. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2592-4018>. E-mail: xlalves27@gmail.com.

ABSTRACT

With modernity and the myth of a racial democracy, it created a false harmony between peoples, which culminated in structural and exclusionary racism, and black social movements played a fundamental role in the process of building knowledge, in a collective and organized way in Brazil. Thus, for the construction of this work, we start from the proposal of a decolonial pedagogy, which aims, precisely, at this excluded, heterogeneous and local group: the black movement in the city of Imperatriz, Brazilian state of Maranhão (MA), with the following question : what is the methodology used by the Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC) to give visibility to the black and afro-descendant people in the process of struggle and resistance in the city of Imperatriz-MA? This work sought to dialogue with authors concerned with this theme of black social movement and education, such as: Gohn (2011), Arroyo (2012), hooks (2019), Walsh (2013), among others, as theoretical support. With descriptive research and qualitative analysis, this study sought to identify the social actors involved in the mediation process, describe their methodological practices, interrelating the micro and macro perspective of the movement. With this, this work pointed to the urgency of talking about an old theme and, at the same time, so current: the prejudice and discrimination of black people; as well as the process of politicization and the self-affirmation of black identity, constituting the participatory methodology as essential, bringing the possibility of thinking about the decolonial from the practical actions of the CCN-NC.

Keywords: Social movement. Black. Non-formal education. decolonial Participatory methodology.

Introdução

Com o mito de uma democracia racial, criou-se uma falsa harmonia entre os povos, o que culminou no racismo estrutural. Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Aplicada - IPEA (2013), em nota técnica intitulada *Vidas perdidas e racismo no Brasil*, aponta através de dados a necessidade de se abordar a temática ao afirmar que, no Brasil, o percentual de negros vitimizados é 132% maior do que o de brancos e que um componente importante para a explicação dos dados é a questão do racismo estrutural ligado à condição socioeconômica, grau de escolaridade e efeitos culturais da ideologia do racismo, pois "... o negro é duplamente discriminado no Brasil, por sua situação econômica e por sua cor de pele" (IPEA, 2013, p. 13). E mais, as unidades da federação que se destacam são os estados do Nordeste.

Representando 74% da população do Estado do Maranhão, segundo os dados do IBGE (2010), a população negra e não branca destaca os dados no panorama das desigualdades sociais, o que nos norteia para estudar o movimento negro local. Uma abordagem complexa cujo foco é esse público marginalizado tendo em vista os resquícios de colonialidade existente na sociedade. Embora muito se tenha falado da população negra, pouco se tem em produção científica local, em Imperatriz-MA, sobre o movimento negro, no caso específico o Centro de Cultura Negra - CCN Negro Cosme.

A definição da temática negra "Saberes e fazeres: a metodologia participativa do Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN - NC) como forma de educar para a resistência na cidade de Imperatriz - MA" deve-se às inquietações acerca de categorias socialmente subalternas e marginalizadas e à urgência de se falar de uma temática tão antiga e ao mesmo tempo tão atual, do preconceito e discriminação do povo negro e o processo educativo de politização na autoafirmação da sua identidade, fazendo ecoar as vozes desses atores sociais que tanto lutam por reparação de um prejuízo ancestral.

O CCN - NC entra no cenário por ser um desbravador na cidade de Imperatriz-MA com diálogos, rodas de conversa e palestras nas instituições escolares, ressaltando a temática negra na educação formal.

Como parte do trabalho de pesquisa de mestrado, para a produção deste artigo, partimos com o seguinte questionamento: qual é a metodologia utilizada pelo Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC) para dar visibilidade ao povo negro e afrodescendente no processo de luta e resistência na cidade de Imperatriz-MA? Com o objetivo de responder à pergunta central, de conhecer a metodologia utilizada pelo Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC), especificamente, identificando os atores sociais envolvidos no processo de mediação, descrevendo suas práticas metodológicas, inter-relacionando a perspectiva micro da autoafirmação negra e macro do movimento com relação a trajetória e parceria com outras instituições ou esferas, este trabalho conta com pesquisa de caráter descritivo e análise qualitativa do objeto estudado a partir do método etnográfico na tentativa de alcançar os objetivos.

Foi utilizado questionário semiestruturado, a fim de conhecer as ações do grupo, pois as fontes orais constituem a parte mais importante desta pesquisa descritiva para o fazer etnográfico, a fim de refletir o que Stoer e Araújo (2000) chamam de etnografia crítica, em que os atores sociais envolvidos numa dada realidade absorvem a capacidade de estranhar os constrangimentos estruturais e contribuem para produzir novas possibilidades de sentidos acerca da realidade social na qual estão inseridos tomando consciência e transformando espaços. Portanto, a análise de entrevistas é fundamental para compreendermos o surgimento do Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN - NC) e a inserção desses indivíduos na luta por superação da condição de inferioridade na produção social da diferença em Imperatriz/MA.

O Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN - NC) e seus atores sociais

Os movimentos sociais, no Brasil, tiveram papéis importantes nas tomadas de decisões nas décadas de 1980 e 1990, por seu caráter de organização dos movimentos sociais e discussões de pautas, assim como a organização dos negros/as no estado do Maranhão. Os negros representam, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), cerca de 74% da população do estado. A população negra do Maranhão representa mais que um número, uma ancestralidade pulsante nos dias de hoje. Representa o processo de formação do Estado, um guerreiro insurreto da

Balaiada, os parágrafos dos romances abolicionistas de Maria Firmina dos Reis, ou até mesmo a primeira licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros do país, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Imperatriz-MA, cidade de muitos encantos e inspiração nas letras musicais de artistas locais, tem uma identidade cultural de categorias muito expressivas, fruto de integração de culturas na miscigenação de povos oriundos de outros lugares. Os negros/as e afrodescendentes, embora engajados em diversos grupos sociais no estado do Maranhão, sofriam discriminações e exclusões, ainda que acreditassem que, juntando-se, poderiam reivindicar sua posição enquanto cidadãos. Assim, falar da cidade de Imperatriz é falar do seu povo, pois, pela sua constituição e nomeação, ela é do povo. Povo esse que da década de 1990 para 2000, preocupado com as questões raciais começou a discutir ações em reuniões, para serem trabalhadas no âmbito escolar, não como forma de afronta à sociedade, mas como forma de resistência negra.

Assim, a fundação do *Centro de Cultura Negra Negro Cosme* (CCN-NC), em Imperatriz-MA, deu-se em 27 de março de 2002, na Academia Imperatrizense de Letras (AIL), a partir da urgência de abordagem de temáticas, a fim de promover consciência e cidadania negra, e da necessidade cotidiana vista pelos seus fundadores como essencial, permeados pelo discurso de reafirmação em meio a fatores que pesam na diferenciação discriminatória (socioeconômicos), confrontando a invisibilidade no processo educativo. Segundo as discussões do estudo de Sousa (2013), faziam parte desse processo de fundação do CCN-NC:

[...] Mariano Dias, vereador municipal motivado pelo então grupo já existente e pelo desejo em debater as questões gerais de organização da entidade, assim como pela regimentação desse grupo étnico, e para discutir sobre a situação do negro em Imperatriz, uniu-se com a professora Izaura Silva, Maria Luísa Rodrigues de Sousa, Jorge Diniz de Oliveira, Maria Conceição Ferreira Pereira Diniz, Francisco das Chagas Matos, Herli de Sousa Carvalho, Lázaro Alves Ferreira, Maria das Neves Gomes Pereira, Maria Erotilde Nunes Leite, Valter Rocha de Andrade (in memoriam) e outros. Como fruto das referidas discussões, foi instituído por meio da Lei Municipal Nº 973, de 11 de junho de 2001, o 20 de novembro como sendo o Dia Municipal da Consciência Negra, em Imperatriz-MA, cujo projeto foi de autoria do então vereador Mariano Dias (Sousa, 2013, p. 34).

O anseio dessas pessoas originou pautas coletivas, com a finalidade de lutar pela construção de uma sociedade sem discriminação, justa, fraterna e solidária, tendo como proposta promover atividades como eventos culturais e ações educativas que visam ao despertar da consciência humana. Sendo necessário esse retalho histórico para a construção deste trabalho, ressaltamos que o recorte temporal, para alcance dos objetivos propostos, deu-se na gestão da chapa *Axé e resistência*, de 2020 a 2022.

Os atores sociais pesquisados/depoentes são os diretores de todas as gestões, dentro de quase 20 anos de história: um homem e seis mulheres negros/as e afrodescendentes. Ressalto que os atores sociais da pesquisa foram,

respectivamente, o presidente e as presidentas, precursores, continuadores e mediadores desse processo do ato de educar, unidos no sentimento de pertencimento e de necessidade de lugar de fala.

Quando há esse reconhecimento da identidade negra e assim se juntam em um coletivo no sentimento de pertencimento, Tomaz Tadeu da Silva (2000) nos diz que existe uma relação social entre ambos - entre a identidade de autoafirmação negra e a identidade social de caráter coletivo -, o que, ainda segundo o autor, torna-se não apenas um marcador de diferença, mas elemento central na teoria crítica educacional para pensarmos em qual lugar está o povo negro, quando se pintam os dados estatísticos na categoria educação.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes "nós" e "eles" não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder (Silva, 2000, p. 82, grifos do autor).

Esses atores sociais não só demarcam essa fronteira no sistema educacional como reafirmam as relações de poder entre o sujeito e o outro, porque na história única contada pelos colonizadores e exploradores se configurou assim, e a sociedade perpetuou, muito embora a ação de educar seja introduzir a cunha nessa diferença, nessa fronteira, e já dizia Freire (1977) somente a partir da tomada de consciência, por meio da educação, é que o ser humano descobre que ele pode modificar suas ações e sua realidade.

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade de transformar [...]. Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas de contorno não discirna [...]. Isto é verdade se refere às forças sociais [...]. A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer (Freire, 1977, p. 48).

Essa ação de educar que se constitui no seio dos movimentos sociais para a politização do sujeito se caracteriza como educação não formal, em que os atores sociais pertencentes a esses movimentos metodologicamente expressam, tornando-se mediadores do processo e auxiliando a educação formal, a escolar, e reconstruindo a história do ponto de vista negro, do colonizado, do explorado.

Daí a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que

se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro, apesar das desigualdades raciais resultantes do processo discriminatório (Munanga, 2012, p. 10-11).

E os atores sociais do movimento negro, assim como de outros movimentos com seus saberes e fazeres, podem auxiliar a educação formal extraclasse.

Eles são fundamentais na marcação de referenciais no ato de aprendizagem, eles carregam visões de mundo, projetos societários, ideologias, propostas, conhecimentos acumulados etc. Eles se confrontarão com os outros participantes do processo educativo, estabelecerão diálogos, conflitos, ações solidárias etc. Eles se destacam no conjunto e por meio deles podemos conhecer o projeto socioeducativo do grupo, a visão de mundo que estão construindo, os valores defendidos e os que são rejeitados (Gohn, 2006, p. 32).

Um ponto de suma importância, para o qual Gohn (2006) chama a atenção, é o papel dos atores sociais envolvidos no processo de construção do ensino e aprendizagem.

Educação não formal e a metodologia participativa

De antemão, quando falamos em movimentos sociais, ligamos diretamente ao seu posicionamento político de engajamento no grupo, ou seja, uma educação voltada para a politização e para a consciência crítica da necessidade de agrupar. Para Gohn (2006), a delimitação do seu arcabouço teórico é sua principal conceituação sobre a educação não formal:

[...] acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais. [...] Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes (Gohn, 2006, p. 29).

A delimitação do tipo de educação e seus espaços de pertencimento não quer dizer que não possa haver a imbricação ou o entrelaçamento entre todos os meios. Mas aponta a importância delas para o processo de ensino e aprendizagem do sujeito integral.

As programações do CCN-NC de 2020 e 2021, como reuniões e encontros culturais, ocorreram na forma híbrida, ano marcado pela presença das *lives*. A programação é uma forma de dar visibilidade ao que o movimento quer dizer:

[...] tem-se oportunizado reflexões profundas do ponto de vista singular e plural em lives, artes visuais, seminários, aulas, palestras, partilhas sem remuneração, leituras, produção escrita e audiovisual, cursos, eventos espalhados em nível de mundo que agregam pessoas de vários lugares e espaços de luta em temáticas que conduzem ao conhecimento de nossas histórias negras e indígenas, na ressignificação do que tem-nos

constituído como pessoas de pertencimento étnico positivado, e cosmologicamente integrado na inerência do que é essencial na vida¹.

Com ações focadas na solidariedade, com distribuição de cestas básicas para famílias carentes, nos bairros periféricos da cidade e reuniões, ainda via *Google Meet*, foram tratadas pautas acerca da construção da Semana Municipal da Consciência Negra, período de grande importância para a população negra regional. As propostas levantadas são pertinentes aos temas que nos conduzem ao debate sobre os desafios na convivência em espaços de diversidade, trazendo as denúncias, anúncios e compromissos com as tradições negras.

Dessa maneira, as histórias de escritores/as negros/as possibilitam um currículo em que a interculturalidade, nas relações étnico-raciais, vai se delineando com as concepções do sagrado, dando sentido à espiritualidade humana e à saúde mental em tempos de pandemia: "Ninguém consegue ver a minha dor". Em consonância com a Década dos Afrodescendentes (2015-2024) e o Pacto Educativo Global, as ações realizadas pelo CCN-NC e parcerias nos conduzem para um debate coletivo de entendimento da temática ora proposta.

Além dos membros da chapa, o CCN-NC mantém parcerias com outras instituições e esferas, com encontros, palestras, lives e eventos.

Quadro 1 - Programação da XXIV Semana Municipal da Consciência Negra (2021).

| EVENTOS | DATA/HORÁRIO | RESPONSÁVEIS/PARCELIAS |
|--|------------------------------------|---|
| Participação na Audiência Pública na Câmara Municipal de Imperatriz com Reivindicações dos Povos de Terreiros de Matriz Africana da Região Tocantina | Quinta 11/11/2021 9h a 12h30 | Vereador Aurélio Gomes CCN-NC Associação dos Terreiros de Cultura e Religião de Matriz Africana da Região Tocantina (ASTERCMA) UFMA CEIRI |
| Reunião de Planejamento do Dia 20 de Novembro – Sindicato dos Bancários | Sexta 12/11/2021 19h a 22h | Fórum Frente Popular CCN-NC |
| Atividades de Planejamento da Semana Municipal de Consciência Negra | Sábado 13/11/2021 | CCN-NC |
| Encontro de Terreiros – Imperatriz – Comemoração do Dia Nacional da Umbanda e a Semana de Consciência Negra | Domingo 14/11/2021 18h a 2h | CCN-NC ASTERCMA |
| Atividades de Planejamento da Semana Municipal de Consciência Negra | Segunda 15/11/2021 8h a 18h | CCN-NC |
| Creche Risco e Rabisco – Exposição de Material do CCN-NC | Terça 16/11/2021 Manhã | UFMA Creche Risco e Rabisco CCN-NC |

¹ Texto contido no panfleto de divulgação da XVIII Semana Municipal de Consciência Negra 2020.

| | | |
|---|--------------------------------------|--|
| Creche Risco e Rabisco – Exposição de Material do CCN-NC | Terça 16/11/2021 Tarde | UFMA Creche Risco e Rabisco CCN-NC |
| Reunião de Planejamento do Dia 20 de Novembro – Sindicato dos Bancários | Terça 16/11/2021 19h a 22h | Fórum Frente Popular CCN-NC |
| Dia de Escuta de Pessoas Negras de forma remota sendo um grupo a cada duas horas | Quarta 17/11/2021 8h a 12h | CCN-NC UFMA |
| Dia de Escuta de Pessoas Negras de forma remota sendo um grupo a cada duas horas | Quarta 17/11/2021 14h a 17h30 | CCN-NC UFMA |
| Palestra – Ensino Médio – Luta do povo negro e cotas raciais: pistas concretas | Quinta 18/11/2021 14h30 a 17h | CCN-NC Colégio Estadual Ribas Júnior |
| Palestra – Trajetórias Acadêmicas e Profissionais de Mulheres Negras | Quinta 18/11/2021 19h30 | CCN-NC UNISULMA |
| Roda de Conversa – Beleza Negra – de forma remota | Quinta 18/11/2021 20h a 22h | Rede de Mulheres Teresianas CCN-NC |
| Palestra – Consciência Negra e Libertação Curso de Pedagogia | Sexta 19/11/2021 Manhã | UFMA CCN-NC |
| Palestra – Educação para as Relações Étnico-Raciais | Sexta 19/11/2021 14h30 | Escola Municipal Pedro Abreu CCN-NC |
| Estreia do Programa Prosa de Pret@ - Segunda Temporada – Local: Canal Prosa de Pret@ no YouTube | Sexta 19/11/2021 16h | CCN-NC |
| Exposição Virtual da XI Mostra/ Concurso de Desenhos Afros 2021 Tema: Atletas Negros e Negras nas Olimpíadas e Paraolimpíadas Mundiais | 07 a 19/11/21 | CEIRI UREI CCN-NC |
| Movimento Nacional Ato Fora Bolsonaro e Dia Nacional de Consciência Negra | Sábado 20/11/2021 7h30 a 11h30 | Fórum Frente Popular CCN-NC UEMASUL |
| Palestra | Sábado 20/11/2021 14h a 15h | CCN-NC Escola Municipal José Queiroz |
| Live – Educação para as Relações Étnico-Raciais | Sábado 20/11/2021 15h a 17h | UFMA – Codó UFMA CCN-NC |
| Celebração Eucarística Ecumênica do Dia da Consciência Negra | Sábado 20/11/2021 19h a 20h30 | Paróquia – Igreja São José do Egito CCN-NC CEIRI Fórum Frente Popular |

| | | |
|--|-------------------------------------|---|
| Roda de Conversa sobre a Consciência Negra e Encerramento da Semana Municipal de Consciência Negra | Sábado 20/11/2021 20h30 a 22h | CCN-NC Paróquia (Pátio) Igreja São José do Egito |
| Palestra – Protagonismo da Juventude Negra | Segunda 22/11/2021 8h a 10h | Escola Municipal Mariana Luz |
| Visitação à Casa da Jô – Roda de Conversa – “Um abraço negro” – Contação de Histórias | Segunda 22/11/2021 19h | CCN-NC CEIRI |
| Projeto Consciência Negra – culminância Mesa – “Não basta não ser racista, é | Sábado 27/11/2021 8h a 12h | Centro Educacional Castelo do Saber CCN-NC |

Fonte: CCN-NC (2021).

Com suas pautas enraizadas em temas de grande relevância para a população em geral, e em especial para a população negra e afrodescendente, nesse processo de luta, denúncia e resistência, seus debates se tornam verdadeiras pedagogias, mediadas por outros sujeitos participativos.

Segundo Danilo Streck e Telmo Adams (2012), o movimento tende a encontrar meios de lutar contra a hegemonia que os invisibilizou:

É no bojo desses espaços de luta dos movimentos sociais que percebemos um nexos entre metodologias participativas de pesquisa, a construção de caminhos de superação da colonialidade por meio do desenvolvimento de ações transformadoras e as práticas de educação popular (Streck; Adams, 2012, p. 250).

Com propostas firmadas na pedagogia freiriana, suas ações visam à emancipação do sujeito, por vias do desenvolvimento crítico, e é o que vem tomando novos rumos e proporções, no decorrer da História, pois não se ouvia falar em metodologias participativas.

Reafirma-se a opção por metodologias participativas e transformadoras afinadas com os princípios da educação popular. [...] Trata-se dos movimentos protagonizados por povos originários/indígenas e afrodescendentes. [...] neles se oportuniza a disputa das visões de conjuntura, das interpretações de realidades, das quais dependem os focos da chamada refundamentação da educação popular (Streck; Adams, 2012, p. 252-253).

Com relação às visitas, assim como as rodas conversa sobre as Experiências na Atuação do CCN-NC, isso se torna uma importante ferramenta no ato de educar para a resistência. Segundo hooks:

Reunir-se para conversar uns com os outros é um importante ato de resistência, um gesto que demonstra nosso interesse nossa preocupação; nos permite enxergar que somos um coletivo, que podemos ser uma comunidade de resistência. Juntos podemos esclarecer nossa compreensão da experiência negra, da similaridade e da diferença à medida que determinam nossas relações sociais, enquanto compartilhamos maneiras de permanecer autoafirmativos e completos (hooks, 2019, p. 156).

Essa afirmação da autora nos faz pensar para além do individual: pensar o que é ser coletivo, pensar na identidade construída dentro do movimento, pensar o outro com suas experiências, seus medos, seus desejos, com suas semelhanças e suas especificidades e, assim, unirmo-nos, aliando tudo isso às ações. Essa postura

[...] caracteriza-se como uma metodologia mais flexível, propondo a articulação entre conhecimento e ação no sentido de contribuir para captar a dinâmica dos movimentos da sociedade com proposta emancipadora. Ou seja, as metodologias participativas [...] não se limitam a ser meros instrumentos, mas referem-se ao modo como enfocamos os problemas e à maneira pela qual buscamos suas respostas (Streck; Adams, 2012, p. 254).

Miguel G. Arroyo (2012, p. 25) também afirma que "os coletivos populares se reconhecem sujeitos de conhecimentos, de valores, culturas, sujeitos de processos de humanização/emancipação. Sujeitos pedagógicos produzindo outras pedagogias". Mais propriamente o que, ao ver de Catherine Walsh (2013), são práticas insurgentes, na forma de resistir, são pedagogias decoloniais. Desse modo, podemos dizer que os movimentos sociais são produtores de saber, o que Gohn (2011, p. 333) reafirma, ao dizer que "uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de um caráter político-social".

A oralidade e a necessidade de contar como forma de educar para a resistência (entrevistas/depoimentos)

A ação colonizadora, assim como o processo de exploração, deixou marcas na subjetividade dos sujeitos historicamente oprimidos, inferiorizados. Nesses termos, a exemplo, temos o povo negro, o qual nos permite compreender a opressão, tendo como parâmetro o fenômeno da racialização, que colocaram esses sujeitos, por tempos, como irracionais, loucos, vistos apenas pela sua força de trabalho. Isso, ao ver de Lugones (1987), seria a base de estruturação da colonialidade, que subjuga o sujeito para fins de manutenção do poder de dominação.

Por isso e muito mais, dá-se a razão pela qual há a necessidade de falar, reivindicar a escrita de uma nova história, o direito de posicionamento. De acordo com bell hooks (2019), a fala é um ato de resistência que rompe com o silêncio histórico:

[...] a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia as políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado (hooks, 2019, p. 36-37).

A fala é uma forma de dar visibilidade a algo negado de fala. Para o povo negro, é uma forma de visualização existencial, por meio de sua história, sua cultura, o que torna a fala um ato desafiador, pois cada ser humano é a história de suas relações sociais, numa trama interdependente. Essas relações servem para sublinhar a presença negra ou sua ausência nessa *história única*.

Para este trabalho, foi feita uma seleção e organização das respostas da entrevista semiestruturada concedida pela atual presidente do CCN-NC, a Professora Dra. Herli de Sousa Carvalho, que culminou no seguinte quadro:

Quadro 2 - Entrevista: Herli de Sousa Carvalho.

| PERGUNTAS | RESPOSTAS |
|--|---|
| Qual o papel das mulheres dentro do CCNNC? | O CCN nasce a partir de pautas de reivindicação coletiva de professores e colaboradores que já atuavam em prol de uma sociedade menos espectadora e mais efetiva em direitos e ações para a população negra. E por medida de lei se consolida na cidade deixando de ser apenas um projeto voltado para o cultural e passa a se estruturar como movimento. |
| Qual a parcela de contribuição do CCNNC no curso de formação de Realidade Social Brasileira? | Nossa contribuição de CCN Negro Cosme (representado por mim, Herli de Sousa Carvalho, e Maria Luísa Rodrigues de Sousa) no curso de formação de Realidade Social Brasileira... Estamos como participantes desse processo de formação pessoal, a fim de contribuir, de forma mais consciente, como militantes, em prol da causa da população negra e das demais etnias discriminadas no Brasil. O estudo da realidade aponta para reflexões de conjuntura no antes e no presente, que traz uma visão holística do futuro de nosso povo, de modo a termos fundamentação teórica para nossas práticas diárias, e a luta pela consciência crítica ser incorporada na nossa vida cotidiana. |
| Na visão dos membros, são perceptíveis as formas de poder da sociedade em relação aos negros em Imperatriz – opressão/exclusão/discriminação: a) de poder? b) do ser? c) no saber? d) no gênero? | Na nossa visão, temos sofrido as diversas formas de opressões, exclusões e discriminações, tanto do ponto de vista pessoal, familiar, e mais amplamente na sociedade como um todo. Do poder: é fortemente visível o não lugar dado para as conquistas que temos realizado nesses 19 anos de história, porém resistimos na busca de lugares que entendemos ser nossos por direito, enquanto seres humanos; do ser: não tiram as nossas essências de ser pessoas negras que estão no mundo/terra com dignidade, de forma que estamos compreendendo nossa história individual e social na construção de sermos melhores em todas as dimensões. Vejam o caso dxs ciganxs, que são pessoas igualmente excluídas e discriminadas, por não verem os valores e saberes legados desses povos tão sábios; no saber – estamos em constante luta por espaços de formação acadêmica ou não e, assim, fazer valer o lugar de estudo, de embasamento, da realidade, de conhecimentos científicos, de produção de saberes, de socialização de práticas vivenciadas, dentre outros elementos; no gênero – a educação contra-hegemônica ainda não estabeleceu o respeito aos diferentes, ainda mais quando se fala de mulheres em contraponto ao comportamento patriarcal, quando se fala de LGBTQs que são altamente discriminados, de forma cruel, por força da falta de respeito à dignidade de pessoa humana.. Agora, imagine as mulheres serem LGBTQs e negras, e professorxs... Daí vai uma lista de características que se aumenta... É isso... |

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A fala da professora nos mostra que ser negro/a é um ato de coragem, que "fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento" (hooks, 2019, p. 38-39), ou seja, a voz é libertadora. Ainda de acordo com o pensamento de hooks (2019, p. 45), "a ideia de encontrar uma voz ou ter uma voz assume a primazia na fala, no discurso, na escrita e na ação", relata também que há um esforço, por parte dos integrantes do movimento em, primeiramente, participar de cursos, seminários e palestras, com o objetivo de autotransformação, autoexame crítico, enquanto sujeito negro/a em uma sociedade machista, racista e classista, para, então, nesse engajamento, alcançar outros sujeitos, como por exemplo, as parcerias com outras instituições, escolas municipais, escolas estaduais e universidades, nas quais ministram palestras e realizam rodas de conversa e seminários.

Assim, como a colonialidade do poder, do saber e do ser é tão pujante na sociedade, para a criação do movimento, eles mesmos, membros do CCN-NC, consideravam uma ousadia sair às ruas, dar palestras nas escolas e mesmo pertencer ao movimento. Mariano Dias Pereira (2002-2004)² foi muito enfático ao afirmar sua negritude durante o processo, mesmo em meio às adversidades:

Então, para nós que somos lutadores do povo, reitero novamente: a luta é para vida toda, porque os direitos a gente não vai receber; a gente vai conquistar espaço, não será oferecido para nós espaço, será conquistado passo a passo, dia a dia. Para mim, foi uma honra ter tido a oportunidade de participar, na verdade, de assumir a coordenação de presidente do Centro de Cultura Negra, quando tantos outros poderiam ter assumido, tipo a professora Izaura, outras camaradas e outras companheiras. Mas foi me dada essa oportunidade, e eu procurei fazer o meu melhor, falando hoje, de alto e bom som, que valeu a pena e vale a pena. Lembro da fala da Dora, que falava que nós fomos ousados na primeira Semana da Consciência Negra em Imperatriz. A gente foi ousado: fomos nas tribunas, nas universidades, fomos às praças, fomos de novo para a praça da Vila Nova, nas ruas da Vila Lobão. [...] É importante, mas nós temos também a renovação dos perseverantes, então é muito importante [...] esse marco histórico da história do negro no Brasil, no Maranhão, em Imperatriz [...] (informação verbal)³.

As falas neste trabalho reiteram a necessidade do lugar de fala do povo negro e afrodescendente, aliando o desejo individual ao coletivo, principalmente quando se referem ao Centro. Podemos considerar essas falas como uma educação decolonial, uma forma de contribuir para ensinar a crítica e a autocrítica e causar um desarranjo na base de estruturas hierárquicas, uma práxis negra.

² Período que corresponde à sua gestão frente ao CCN – Negro Cosme.

³ Depoimento concedido por Mariano Dias Pereira, em março de 2021, em Imperatriz-MA, por vídeo.

Considerações finais

O CCN-NC, desde sua fundação, contempla os anseios de seus membros, enquanto movimento, e traz reflexões acerca de seu papel social. Pensar seu caráter formativo, a partir de suas metodologias, é levar em consideração suas configurações, é pensar um novo campo da educação, o que Freire (2011a) chama de uma educação para a vida. Como bem aponta Silva (2000), é pensar uma pedagogia da diferença, visto que o mito da democracia racial criou mundos iguais para pessoas de contextos históricos diferentes.

As relações estabelecidas com outras instituições e esferas nos apontaram o quão importante e fundamental para os coletivos são essas relações, em termos de aprendizado. Para isso, conta com atores sociais reais, mediadores de conhecimento, na relação de trocas simbólicas com a sociedade, além de serem pioneiros na cidade de Imperatriz-MA, na divulgação da temática negra.

Podemos concluir que esses *outros sujeitos da história, com suas metodologias participativas*, fazem de suas falas *outras pedagogias*, para transformar a realidade a sua volta, por meio da politização e do ato de educar para a vida, pensando o sujeito integral. Assim, são alcançados sentidos diferentes para contextos históricos diferentes, rumo ao decolonial.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CERQUEIRA, Daniel R. C. (DIEST/IPEA); MOURA, Rodrigo Leandro de (IBRE/FGV). Nota técnica - Vidas perdidas e racismo no Brasil. Ed. nº 10. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5977/1/NT_n10_vidas.pdf. Acesso em: 12 de abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire**: textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP. São Paulo: Nova Crítica, 1977.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2021.

_____. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2021.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Tabela 1.3.1. População residente, por cor ou raça, segundo o

sexo e os grupos de idade. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/tabelas_pdf/tab3.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.

LUGONES, María. Playfulness, "world" - travelling, and loving perception. **Hypatia**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 3-19, verão 1987. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1527-2001.1987.tb01062.x>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Goiânia, v. 4, n. 8, p. 6-14, jul./out. 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/246>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102. (Educação pós-crítica).

SOUSA, Maria Luísa Rodrigues de. **A contribuição do Centro de Cultura Negra Negro Cosme na implementação da Lei nº 10639/2003 nas escolas estaduais em Imperatriz-MA**. Monografia (Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça) - Núcleo de Educação a Distância, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2013.

STOER, Stephen R.; ARAÚJO, Helena Costa. **Escola e aprendizagem para o trabalho num país da semiperiferia europeia**. 2. ed. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000. (Ciências da educação, 25).

STRECK, Danilo Romeu; ADAMS, Telmo. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 243-257, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28337>. Acesso em: 22 abr. 2021.

WALSH, Catherine. Introducción: Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. *In*: WALSH, Catherine (ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito: Abya-Yala, 2013. p. 23-68. (Pensamiento decolonial).